

Narração

(0:38) Há um olhar que sabe discernir o certo do errado e o errado do certo. Há um olhar que observa quando a obediência significa desrespeito e quando a desobediência significa respeito. Há um olhar que reconhece os curtos caminhos longos e os longos caminhos curtos. Há um olhar que desnuda, que não hesita em afirmar que existam fidelidades perversas e traições de grande lealdade. Este é o olhar da alma.

(02:02) Alma Imoral nasce no período que eu lia sobre psicologia evolucionista, que aponta a moral como instrumento importante para a preservação da espécie humana. E eu pensei o contrário, o que acontece quando esse corpo moral se torna estreito? Quando ele se faz um obstáculo na nossa espécie, como se dá esse processo imoral? De transcendência, de transgressão, para que essas fronteiras sejam ampliadas. Esta série é sobre as almas imorais, pessoas do nosso tempo, que da minha tribo e ao mesmo tempo com uma dimensão universal, representam esses esforços, por expandir as fronteiras da nossa consciência e produzir a possibilidade de um futuro melhor.

(02:53) Eu busquei personagens que contenham esta tensão tão especial para o ser humano, que está presente nas tradições e ao mesmo tempo na demanda do futuro. São histórias em várias áreas da vida, das artes, das ciências, da religião, da sexualidade, salvaguarda os valores do passado e tem compromisso inquestionável com o futuro. Suas falas, carregam a chave para a evolução do ser humano.

Narração

(03:34) Zalman Schachter, nascido na ortodoxia, nas tradições, sua fala é pautada nos anos 60, anos de novas relações sociais, novo olhar para a sexualidade, onde os próprios psicodélicos representavam o desejo de ampliação de consciência.

Zalman Schachter

(04:29) O conceito medieval do mal da verdade é 1 grau entre 360, o novo conceito da verdade é 360 graus de verdade e cada grau da verdade tem um grau de segunda verdade, então na filosofia ou teologia, se eu virar as costas para um degrau da verdade, eles já dizem que é heresia. Eu digo alguma coisa a mais que não é tanto da igreja católica romana, é mais da igreja católica grega e já é considerado algo errado. Mas se eu vou e digo que há 360 graus da verdade e de como eu chego lá, eu chego lá não pelo o que já está conquistado, eu chego lá pelos sacramentos. Há um lugar onde as pessoas estão tentando...

(05:27) **Trilha muito alta em cima de todo o resto da fala do Zalman**

Narração

(07:02) O senhor disse a Abraão: anda da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai para a terra que eu te mostrarei.

(07:15) Abraão é um transgressor, sua história pessoal começa com a escuta de um comando. Sai, rompe, em outras palavras, trai. Simbolicamente ele é o herói que empreende a viagem do

seu corpo em direção a sua alma, rompe consigo mesmo e com a narrativa tanto de sua origem, como de sua identidade herdada para se tornar um modelo na arte de se reinventar e evoluir. Por um lado, ele é o pai da tradição, compreendendo a importância de transmitir valores às gerações seguintes, e no episódio do sacrifício de Isaac, o pai de um novo paradigma.

(08:05) Toma agora o teu filho, o teu único filho Isaac a quem amas e vai-te à terra de Muriá e oferece-te-o ali em holocausto sob uma das montanhas.

(08:20) O anjo do senhor lhe bradou desde o céus e disse: Abraão! Abraão! E ele disse: eis-me aqui e então disse: não estendas sua mão sobre môs, não lhe faças nada, porquanto agora sei que temes a Deus e não negastes o teu filho, o teu único filho

(08:46) Ao atender ao comando deste sacrifício, que era parte da cultura local de seu tempo, Abraão constrói uma ponte entre obedecer e desobedecer, ousando ir ao ponto de maior tensão e de executar a ordem e não fazê-lo, ele encontra uma maneira íntegra de desobedecer e ouvir um novo comando que desdizia o anterior.

(09:09) Seu ato mutante, é um ato de preservação, sua rebeldia, é uma forma de responsabilidade e sua transgressão provém de sua retidão. Ele é, sem dúvida, o representante da alma imoral.

Apresentador

(09:44) Esse vale é talvez um dos lugares mais antigos da cidade de Jerusalém, onde as pessoas faziam sacrifícios ao deus Baal, traziam aqui seus filhos, normalmente primogênitos e sacrificavam aqui neste vale aqui embaixo. Daqui deste vale que vinha o termo inferno na tradição judaica, Ghena, ganha o seu nome. Para gente é importante porque esse é um dos lugares, talvez um dos lugares do planeta que marca o ponto da consciência do ser humano, onde o ser humano se fazia perguntas sobre o certo e o errado, onde o lugar entre o consciente e o inconsciente se encontravam, ele está bem aqui registrado a conexão com o momento que Abraão segura a faca e não cumpre com esse desígnio de não sacrificar o seu filho. Esse é o ponto, esse é o lugar.

Narração

(10:53) Steven Greenberg, é o primeiro rabino ortodoxo abertamente gay, sua fala é pautada pela tensão entre compromissos e rompimentos, a partir da perspectiva de um ortodoxo que se recusa a abandonar sua fé ou a sua comunidade religiosa, é casado com o ator Steven Goldstein.

Pergunta

(11:17) Então ela te chama de abba? Ela chama vocês dois de abba?

Steven Greenberg

(11:19) Eu sou abba e ele é o papai. E ela vai para frente e para trás sobre qual é seu favorito, hoje é o papai, acho que hoje é o papai.

Steven Goldstein

(11:45) Era uma festa gay no Upper Side de Nova York que nós tínhamos todo mês para jantar e eu acho você esteve lá em algumas ocasiões, ele ainda estava no armário, então ele era bem reservado.

Steven Greenberg

(12:04) Ele me convidou para a casa e ele se voluntariou para consertar minha mesa, ele disse “sua mesa está meio bamba, me liga, eu conserto mesas” e eu pensei “huum, ele quer consertar minha mesa”

Pergunta

(12:16) Essa foi a primeira investida ou a segunda?

Steven Goldstein

(12:20) Minha primeira investida foi me voluntariar para consertar a mesa dele, a segunda intenção dele eu não tenho ideia do que pode ter sido.

Steven Greenberg

(12:25) “Eu sonhei muitas vezes que estava de frente à um grande público, apenas estando de frente de uma pessoa conhecida e de repente percebi que estava nu, eu sonhei, eu sonho que posso estar de frente a qualquer pessoa que se sente vulnerável de falar em público, alguém no jardim me disse que eu estava nu, uma cobra me convenceu que eu estava me escondendo de Deus, de seus olhos julgadores. Por muitos anos eu tentei me esconder, quase me incriminando, então eu me pego pensando se eu continuo com essa história e me sentir grato pelo personagem divino, pela pele de animal para cobrir o corpo do qual Deus deu para esconder suas vergonhas corporais. Eu preferi me expor, recusei as roupas e percebi que nem folhas ou pele de animal funcionam, isso não cessa a vergonha. No meio disso, para o Midrash eu tenho uma terceira opção, as roupas que Deus nos proveu, de acordo com o Midrash, não eram feitas de pele de animal, mas de luz cobertas por aleph, essas roupas estavam além da vergonha, onde por um lado está a submissão e do outro eu irei tentar dormir agora, me imaginar descansando em luz, claro, sem vergonha e verdadeiro, e com uma pergunta preparada: onde você está? Bem aqui.”

Narração

(14:02) O mais conveniente de apresentar Satã como um resultado de um risco e da transformação, como também como pesadelo da acomodação. Satã é a dificuldade que temos de distinguir a luz da escuridão, muitas vezes a luz nem está naquilo que promove a preservação, nem do que promove a transformação, por interesses naturais, a cultura e a moral no entanto, a nossa sociedade resolveu transformar Satã em um espantalho que realmente nos afasta da mudança. É por medo dele que se obteve um instrumento a mais para manter as pessoas ocupadas em seus próprios padrões, sem se permitir ousar e descobrir novas

possibilidades da própria vida. Sua linguagem e sua imagem, passaram a servir como porta vozes da imortalidade, da tradição, da família e da propriedade. Sua fala eloquente, repleta de exemplos da vida e da realidade, são poderosamente paralisadoras.

Apresentador

(15:19) Tikkun é uma das revistas mais respeitadas no mundo judaico e também uma das mais controvertidas, onde seus criadores, o rabino Michael Lerner defende o direito da ação política progressista entre os judeus e uma leitura das tradições religiosas engajada com as questões sociais.

Peter Gabel

(15:43) Michael, você irá falar hoje em apoio a The American Decisions

Michael Lerner

(15:47) Sim, irei

Peter Gabel

(15:48) Claro e juntos nós estamos falando sobre a instituição

Michael Lerner

(15:55) Como uma instituição que tem dimensões problemáticas.

Peter Gabel

(15:58) Bom, isso meio que molda o mundo em dois grupos separados socialmente e que não está ligado ao senso de comunidade e sentimento de importância, então recriar o significado da instituição é algo problemático.

Michael Lerner

(16:16) O embate gay para o casamento igualitário foi em parte afirmar que há um lugar na sociedade que clama como questão principal ter amor e cuidado, porque a família é a única instituição que existe hoje, fora a religiosa e a espiritual que tem significado, que diz “nós acreditamos no amor”, e uma das coisas mais bonitas e poderosas desse movimento gay é que eles não só transformaram o que parecia ser um problema em um direito, mas também de se perguntar “espera aí, você está negando o meu direito de amar?” e sendo isso a parte central deste embate, vem sendo muito importante para ganhar muitas pessoas cujo os corações estavam fechados no nível de conquista de direitos, mas se tornaram abertos no nível de amor.

(17:10) Deus é uma força de transformação e cura no mundo, uma força que é capaz de transcender o que é para o que precisa ser e nós ser humanos que criamos esta imagem de Deus, o que significa que todos nós abraçamos a mesma possibilidade e nossa tarefa aqui na Tikkun é ajudar pessoas a se sentirem seguras o bastante para ir atrás da sua visão de transcendência. Eu digo que a mensagem central da Tikkun e a mensagem central do judaísmo é que “vocês nasceram escravos, mas agora vocês estão livres”, você tem capacidade de mudar todas as constatações que estão soltas aí pelo mundo e impossíveis de mudar e isso é

o que a causa ganha do casamento gay era um exemplo disso, porque muitas pessoas que não apoiavam diziam “nossa, isso é muito surreal, você não percebe que as pessoas odeiam os homossexuais por todo o período de história?” você deve popularizar para união, o mesmo aconteceu com o movimento das mulheres nos anos 1960 e 70, os primeiros 20 anos desse movimento, muitas mulheres, esqueça os homens por um momento, muitas mulheres diziam para as feministas “ei querida, você não viu que o patriarcado governou pelo menos nos últimos 10 mil anos?” você está falando sobre ser maior que o patriarcado era totalmente surreal, nunca aconteceria.

(18:29) Graças a Deus, e com isto quero dizer a força de transformação, graças a Deus que aquelas mulheres se recusaram a ser realistas e que elas mantiveram a sua visão do que era realmente bom e as transformações que ocorreram nesses últimos 40 anos foi muito além até mesmo do olhar mais utópico e otimista do que as primeiras feministas achavam que era possível e o que prova que quando você não está mais constrangido e restrito pelo o que eu chamo de polícia da realidade e a polícia da realidade são essas vozes na sua cabeça que te falam “isso não vai acontecer” “isso não pode acontecer, vamos ser realistas e lutar por isso dentro do que já temos aqui” e nós falamos “não, não vamos fazer isso, vamos para uma visão maior e articulada do bem” e é o que a Tikkun é, é o que nossa rede de progresso espiritual tem sido sobre e eu acho que isso é fundamental para o judaísmo, embora eu acredite que essa mesma visão exista no cristianismo e no islã.

Steven Greenberg

(19:55) Dois homens há um ano e pouco atrás, me pediram para fazer o casamento deles, eu nunca tinha feito um casamento do mesmo sexo e eu estava hesitando em fazer, eu não acredito que as tradições que estão aí no casamento heterossexual não ajuda muito para casais do mesmo sexo, eles são muito heteronormativos nos seus recursos, eles são lindos e um pouco problemáticos. Então, o que você faz com casamento heterossexual, que é tão bonito, o mito do casamento judaico é que você ama tanto alguém que você dá esse amor para Deus para fazer grandes coisas com ele, então o casamento não é sobre se apaixonar, é sobre “nos apaixonando e agora estamos prontos para fazer nosso amor uma confiança pública para o uso de Deus, sociedade e comunidade para fazer grandes coisas com ele”, nós estamos dando o nosso amor de nós, o amor com o companheiro é agora de uso público para fazer uma sociedade crescer.

(21:14) Isso é muito bonito, o mito disso é a redenção quem tem no judaísmo, porque homem e mulher que viram como Adão e Eva e a perfeição do mundo só virá se eles formarem uma família e terem bebês, esta não é uma história gay, é uma história hetero linda. E aí eu preciso pegar esta história de transformar algumas coisas para se tornar uma história gay porque eu preciso disso? Não, eu preciso de uma história realmente gay, então a pergunta é: A. se essas tradições não vão fazer esse casamento acontecer, como que ele vai acontecer? B. Eu tenho um jovem homem na minha frente, ele tem 16 anos e ele é ortodoxo e ele fala “rabino eu acredito que você possa ser tradicional e continuar amando Deus, Torá e ser gay, mas aí você tem que me ajudar a me casar” e eu disse a ele “bom, você está certo”, então eu percebi que

tinha que arriscar a fazer, então eu fiz uma cerimônia que seguia as tradições, mas que era diferente de uma cerimônia hetero.

(22:30) Não havia fotógrafos lá, não havia novas pessoas lá, mas tinha um jovem blogueiro e ele tirou fotos e ele publicou no blog dele “primeiro casamento ortodoxo gay, ministrado pelo rabino Steven Greenberg” e estava neste minuto na internet e na semana seguinte uns 100 rabinos assinaram uma petição online de que eu não era ortodoxo. Então há momentos em que se parece impossível a nossa transformação, mas nós não temos um jeito de chegar lá ainda, eu tenho a melhor citação para você. Rafikul escreveu na Torá “As vezes é necessário explodir para transgredir” e porque nós não temos mais profecia nos dias de hoje para fazer as coisas do “jeito certo” e ninguém sabe como, o próximo passo é acompanhado pela transgressão que o óbvio nos deixa triste, mas as consequências nos deixam felizes.

(23:54) Então o que eu acho que ele fala é o seguinte: as vezes o sistema não consegue se corrigir e a única coisa que corrige isso são atores valentes e perigosos que fazem o que é bom mesmo tendo alguém para dizer que está errado, o sistema não tem como chegar lá. Então eles pulam sob o rio e fazem o que deveriam e então eles constroem uma ponte sob o rio e então todos podem passar com calma.

Apresentador

(24:48) A congregação Sha’ar Zahav, acolhe todas as sexualidades, gêneros, raças e arranjos familiares. Sediada em São Francisco, faz do seu ativismo uma forma de avançar no judaísmo a questão da tolerância e do respeito à diversidade.

Camille Shira

(25:14) Quando eu era criança, no leito de morte do meu pai, ele me pediu para que eu casasse com um judeu, eu prometi para ele e não me toquei naquela época de dizer “pai, se eu me apaixonar por uma mulher, vai estar tudo bem também?” Eu fui abençoada com a tradição religiosa que era permeável e progressista e de jeito nenhum estar estagnada, eu cresci realmente apreciando que o judaísmo tinha que ser significativo e relevante nas nossas vidas e como eu seguiria com a minha promessa para ele eu iria estudar o que ele estudou e acessar sua biblioteca, suas leituras, suas escritas e ter uma relação adulta com ele neste nível, percebi que tinha que ter aquele aprendizado para descobrir o que eu gostaria de ser quando crescesse.

(26:38) Então, esse era o meu plano, durante as minhas lições eu tive momentos de evidências que chegaram até mim de que eu tinha atração por uma das minhas amigas mais chegadas, também tinha amigos homens, mas de alguma forma às vezes eu tinha eu sentia, via e sabia que ali tinha essa parte “demoníaca” minha e naquela época eu pensei “eu vou parar de pensar nisso, vai passar”, eu também tinha atração pelos meus colegas homens.

(27:27) Eu ainda podia me tornar uma rabina, porque este era o primeiro caminho, ao longo dele eu fui encorajada, eu tive uns sinais espirituais encorajadores que eu poderia ser eu mesma e confiar que o tempo iria ser bom, que eu poderia emergir a verdade sobre eu ser

judia e minha identidade sexual de ser atraída por mulheres, eu senti que de alguma forma eu poderia ler as rezas tradicionais e entender a metáfora da liberação quando eu pensava quão longe eu estava de me liberar, de sair do armário e sentir que eu tinha um lugar onde eu pertenceria. Na verdade, meu comprometimento com a promessa que eu fiz para o meu pai se tornou um ímã, só quando eu tive meu próprio filho, é que eu vi que aquela promessa estava completa, eu podia ver que meu filho era um judeu amoroso, um músico e apreciador da natureza e por nenhum momento tentar justificar a autenticidade da sua família judia pois aqui tem outras famílias que têm duas mães ou um pai gay, a diversidade com que ela olha a comunidade eu consigo ver que nós chegamos, tem muitos embaixadores para as próximas gerações, o bonde queer, como nós falamos hoje em dia, queer, mas muita gente ainda não sabe muito bem o que essa palavra significa, então nós tomamos cuidado, mas as pessoas mais novas que estão tendo seus filhos, estes filhos crescem e eles estão para dizer “qual é o seu problema? Meus pais são gays”

(30:04) Nós estávamos em Washington uma vez com um grupo de adolescentes do capitólio pelo fim do doma e tinha esse grupo de jovens de Atlanta e eles não sabiam nada sobre a gente exceto que que éramos uma congregação de São Francisco e eles falaram “São Francisco??? Lá tem homossexuais em todos os lugares?” e um jovem do meu grupo respondeu “eles estão por todos os lugares, estão nas nossas casas, nos nossos templos, estamos no meio de uma multidão” e eles se orgulhavam não só por estarem no capitólio, mas por poder dizer “eu sou judeu e meus pais se casaram sob a rupá e minha mãe se chama Sharon e minha outra mãe se chama Lisa” contar nossas histórias para outros jovens é quase que dizer “se segura aí que nós começamos algo novo”

Apresentador

(31:23) Nascido Jeffrey nos anos 50, Yiscah Smith enfrenta os preconceitos e faz a transição de gênero, rompendo com a tradição para preservar sua autenticidade. Resgata sua identidade e com o tempo reconstrói sua relação com a tradição.

Yiscah Smith

(31:44) Se era para nascer perfeito, nós nem estaríamos aqui. Alguns de nós são mais externos, alguns de nós são mais internos, alguns mais desafiadores, outros mais sutis, todos vem ao mundo com alguma coisa e somos todos um trabalho em progresso. Desde cedo, o mais longe que consigo lembrar, talvez 5 anos de idade, eu senti que tinha algo errado dentro de mim. Isso não é 2015, isso é no meio dos anos 50, 1950, eu realmente acredito em duas coisas: eu acredito que eu sou uma garota e eu não poderia ser porque meu corpo parece com um de menino e todo mundo dizia que eu era um menino, então como que todos, incluindo minha mãe e meu pai estariam mentindo para mim? Eu sabia que eu era uma garota. Eu realmente construí uma vida, como por no mundo 6 crianças e em 1991 tudo isso desabou em pedaços durante uma crise e minha família, eu me divorciei.

(32:46) Isso foi quando me tornei realmente me tornei atenta a isso, não tinha sido assim até 1992, eu tinha voltado ao país tinha alguns meses e eu li este artigo sobre uma pessoa que fez a transição, naquele momento eu tinha 41 anos e essa pessoa estava com 50 anos e foi aí que

eu vi que tinha ainda um jeito de sair dessa prisão, eu realmente posso fazer meu corpo e minha alma se juntarem, eles não precisam mais estar em conflito. Então eu mergulhei fundo pela primeira vez, como os judeus foram para dentro do Yam Suf sem saber que aquilo ali se dividiria, mas eu sabia que não poderia voltar e uma parte de mim, de acordo com o Midrash, fala que somos animais e eu não iria voltar para ser mordida pelos egípcios. Eu espero que meus ensinamentos, eu sei que meus ensinamentos hoje são muito mais profundos do que jamais foram. Anos atrás, enquanto eu amava o material e eu amava compartilhar isso, era definitivamente sobre mim, agora é sobre meus alunos. Agora eu não preciso olhar para mim como professora, em hebraico a palavra é Manhá, Manhoef se for homem, eu sou mais uma espécie de facilitadora para outras pessoas entenderem as jornadas, então eu não tenho uma motivação autoral, não tenho uma agenda escondida, não há respostas certas e nem erradas

(34:05) Então, como todas as pessoas que estão nesta sala agora, se vocês fossem meus alunos essa é a cara de quão diferentes versões de uma Manhá eu sou. Quando eu comecei a minha transição, veio de dentro de mim, isso não foi posto em mim, é uma parte de Deus que é chamado de minha alma, eu encontrei, eu descobri e eu senti isso dentro de mim e isso não está escrito, onde está escrito que eu tenho que guiar uma vida de verdade como uma mentira? Em lugar nenhum, “Baaf Macon”. Nunca foi escrito que para eu viver uma vida honesta eu tenho que mentir, isso é um paradoxo, isso é imoral. Se eu quero que as pessoas tenham compaixão por mim, se eu quero que as pessoas me amem, quem não quer ser amado? E quem não quer sentir compaixão e cuidado? Como minha mãe me ensinou muitos anos atrás quando minhas duas irmãs e eu éramos pequenas, ela disse “se você vai para o mundo, seja a primeira a dizer olá, se você for a primeira a dizer olá, você vai se maravilhar com o tanto de pessoas que dirão olá para você. Mas se você for para o mundo esperando que digam olá para você, você vai acabar se sentindo muito sozinha”.

(35:17) Então é como eu me sinto sobre isso, se eu esperar por alguém para fazer algo por mim, se eu esperar pelas pessoas, talvez eu tenha que esperar por muito tempo e eu não estou fazendo isso para me tornar uma velha ranzinza, eu faço isso para me tornar uma pessoa mais saudável, mais purificada e mais curada. Então parte disso é que eu mesma estendo a compaixão, se alguém tem algum problema comigo, eu vou ver se tem algo que eu posso fazer para superar isso com a pessoa, se não posso fazer nada, eu entendo, eu entendo e honro o espaço em que você está, eu sei como é e eu encontrei tantas pessoas que vieram querendo ser minhas amigas por eu ter conseguido chegar em suas dificuldades que eram comigo e que na verdade não eram comigo, era algo dentro dessas pessoas e eu como sendo uma pessoa de compaixão e sensível e realmente honrando o espaço daquelas pessoas, deram a elas um senso de “nossa, talvez tenha algo que eu possa fazer isso, talvez há mais disso do que eu realmente consigo enxergar”

(36:29) Eu acredito que forçar, exigir, esperar, era algo que eu pedia quando eu comecei a minha transição, eu era uma pessoa com muita raiva e impaciente, eu esperava que quando eu tivesse minha transição, fosse ser uma pessoa curada. Todos nós precisamos, todo ser humano, judeu e não judeu, lgbt e não lgbt, velho, novo, negro, branco e todas as cores no meio, israelense ou não, todo ser humano nasce não só em um mundo onde ele ou ela

precisam ir pelo caminho de que é um trabalho em progresso, mas esse trabalho em progresso individualmente é parte de uma redenção global e a redenção, e eu não estou falando necessariamente da redenção como a profecia diz, é uma redenção de tudo que está me segurando para não fazer o que eu preciso, é um estado de escravidão.

(37:29) E saindo deste estado de escravidão, para ser realmente livre para quem eu preciso ser, em ordem para ir sobre tikkun, isso é o que eu gostaria de compartilhar com as pessoas. Então isso não é uma coisa de você ter que entender minha transição, é sobre mim como professora, como uma mentora espiritual, como uma companheira humana, como uma companheira judia, como uma companheira mulher, como uma companheira israelense, como uma companheira de qualquer coisa que você queira classificar, entender que bom, vamos explorar juntos dando apoiando uns aos outros e talvez assim nós possamos inspirar uns aos outros, possamos compartilhar. Eu não tenho todas as respostas, você com certeza não tem todas as respostas, ninguém tem, então vamos dialogar e vamos deixar os conceitos de lado, os conceitos da transição, vamos deixar isso numa estante, vamos colocar gentilmente em uma estante e vamos voltar a isso depois, o que é mais importante é que nós possamos nos conectar.

(38:34) Então, isso obviamente não foi fácil para minha mãe e meu pai processarem, mas quando minha mãe me viu pela primeira vez depois da transição completa, depois da cirurgia, nós duas estávamos um pouco nervosas e nós nos abraçamos e começamos a chorar um pouco e aí ela me olhou e disse “você não tem nada que explicar, por mais que isso seja difícil para mim, você não tem nada que explicar. Eu vi algo em seus olhos que eu nunca tinha visto antes, eu vi paz. E quando você era pequena, eu sabia que algo não estava certo, estava nos seus olhos, mas eu não sabia o que era” e eu apenas disse “minha nossa, mãe muito obrigada” e então ela me olhou e disse “ok, sabe de uma coisa? Eu não gosto dessa sua roupa, vamos fazer compras”

Apresentador

(40:04) Khuloud Dajani, médica e professora, luta pela capacitação de mulheres palestinas para que se tornem parte do futuro, em uma sociedade que ainda lutam por espaço.

Pergunta

(40:21) Você têm 3 diplomas de nível superior em que?

Khuloud Dajani

(40:25) Um em medicina, outro em medicina na comunidade e o outro é um PhD em filosofia

Pergunta

(40:36) Isto é incrível! Onde você se formou?

Khuloud Dajani

(40:37) O primeiro foi na Rússia, eu falo russo muito bem e o que fez minha vida aqui na Palestina bem mais fácil. O segundo foi na Jordânia, mas foi um programa misturado, uma

parceria da Universidade de John Hopkins e a Universidade da Jordânia para preparar chefes da saúde em administrar hospital e administrar saúde e políticas sobre saúde e eu era uma das pioneiras, eu era a única mulher no meio dos homens estudando medicina.

(41:24) Mulheres sempre podem ter um papel ativo dentro de casa e fora de casa e esse papel ativo eu acredito, pode de certa forma mexer com a direção da comunidade e sua forma de prosperar daquele país. O lugar para a razão, para unir, para participar, para desenvolvimento da comunidade, para todos os tipos de organização da comunidade e de distribuição da comunidade que tomaram espaço, tem muita participação ativa das mulheres. No nível de educação, na universidade nós temos mais estudantes mulheres do que homens, a porcentagem de mulheres nas escolas e nas universidades é maior que a de homens e elas têm mais oportunidades. Na universidade elas trabalham duro e elas participam junto aos homens, nas eleições, em tudo.

(42:35) Mas isso vem de conseguir ter seu próprio espaço, você precisa ter algumas dessas mulheres no conselho estudantil. Fazem 20 anos que nós lutamos com os homens nas universidades, pedindo que por favor deixem as mulheres participarem do conselho estudantil, mais de 50% dos estudantes universitários são mulheres, então não precisa nem dizer que deveria ter uma representação feminina no conselho.

TC: 01:43:03:19 Imagem de dentro da Universidade de Birzeit, Cisjordânia.

(43:20) Quando nós falamos sobre empoderamento, nós estamos falando sobre a mulher atingindo posições mais altas na sociedade e ainda que este empoderamento feminino esteja no começo na Palestina ou em Jerusalém com todas as dificuldades que nós enfrentamos, nós acreditamos, eu acredito e minhas outras companheiras pioneiras na área acreditam, que nós precisamos desenvolver uma ação feminina aqui para nos ajudar. Eu não digo “vamos esquecer o passado”, eu digo “vamos aprender com ele”, mas planejando ter um futuro melhor para as estudantes e para todas as outras.

Apresentador

(44:22) Mulheres judias e árabes se unem ao um movimento para construir um acordo de paz que seja aceito pelos dois lados do conflito.

Tania Geluda

(44:33) Eu quando recebi uma notícia maravilhosa do meu filho de que eu iria ser avó, a coisa mais linda que uma pessoa pode ouvir é que ela vai ser avó. E meu filho me disse, eu vou ter um filho, filho homem e aí eu me perguntei, fiquei feliz da vida e depois falei “o que vai ser quando ele chegar aos 18 anos? Ele vai ter que ir para guerras?” e aí eu pensei outra vez e falei “espera aí, esse mesmo pensamento eu tive quando meu filho nasceu há quase 40 anos atrás. O que eu fiz desde então para fazer alguma mudança nessa história nossa? Nessa realidade nossa?” não fiz nada. E aí eu resolvi que eu tinha que sair dessa poltrona cômoda porque os nossos filhos merecem, os filhos e os netos, merecem ter uma vida melhor, uma vida de paz, que possam construir e ter um futuro melhor.

Julet Kahwaji

(45:38) **outro idioma**

Tania Geluda

(46:18) O movimento de mulheres pela paz é a salvação dos dois povos, é a salvação não só dos dois povos em Israel, mas também fora, porque eu sei que fora de Israel, entre os dois povos, têm conflitos muito grandes também.

Julet Kahwaji

(46:48) **outro idioma**

Tania Geluda

(47:39) Nós somos 51% da população mundial, nós somos mães, filhas, tias, avós, esposas dos 49%. Nós temos o que dizer, mulheres têm uma forma de pensar diferente, eu acho que o masculino ele está mais para meta, ele tem uma meta e ele quer chegar lá, não vê o que acontece muito dos outros lados. Eu acho que a mulher, pelo menos é assim que eu vejo, ela tem uma visão um pouco mais aberta em ver as coisas, mais sentimental.

Julet Kahwaji

(48:24) **outro idioma**

Apresentador

(49:18) A luta do grupo Mulheres do Muro, é pela igualdade de direitos de homens e mulheres nas práticas religiosas judaicas, elas querem usar xales de oração, rezar e ler a Torá publicamente no muro das lamentações, lugar mais sagrado do judaísmo.

Lesley Sachs

(49:44) Nossa batalha é uma batalha bem longa, 26 anos, e eu acho que é uma das coisas mais interessantes no modo de que é uma batalha que trouxe as maiores mudanças quando o assunto é mulheres e religião em Israel. Um grupo de mulheres estavam aqui em Israel em um seminário e ele era sobre o empoderamento das mulheres judias e queriam ter uma reza no começo do mês, este era um grupo de mulheres ortodoxas, reformadas, conservadoras e seculares. Elas estavam em um hotel em Jerusalém e o rabino que estava comandando esse tipo de “coach” no hotel, do qual era para lidar somente com a comida, disse ao gerente do hotel que eles iriam ler a Torá no hotel, no grupo de mulheres e no corredor que eles estavam e com isso ele tiraria o certificado do hotel.

(50:52) Então eles decidiram que eles iriam tirar a Torá dali, andar até o muro, na seção de mulheres, não era muito longe dali e eles rezaram lá. Isso pareceu tão natural, tão normal, tão óbvio, e quando eles chegaram lá, foi um inferno, eles foram realmente agredidos, alguns tiveram que ir até para o hospital, tinha sangue.

Pergunta

(51:22) Pelas mulheres isso?

Lesley Sachs

(51:23) Não, pelos homens. Então esta batalha é sobre o que? É uma batalha territorial e é uma batalha sobre quem é que tem o lugar mais sagrado do povo judeu, tem muito dinheiro envolvido, o rabino e sua organização tem um grande orçamento, milhões e milhões de shekels. Embora isto se apresente como uma batalha religioso, na verdade é sobre quem está comandando. Se as mulheres se calarem, e eu estou sendo em específica quanto a este silêncio, todas as mulheres do mundo precisam se reunir e dizer “não, agora não e nunca mais”, eu digo para mim mesma “sabe, nós somos, estas mulheres são seculares e elas se sentem empoderadas com a nossa batalha”, elas não têm nada a ver com o culto, elas nunca rezam, mas apenas de ouvir sobre nós e o que nós estamos fazendo, isso dá algo a elas.

Apresentador

(52:36) Todos nós construímos na nossa identidade, na nossa formação, um território. Todos nós somos um pouco fundamentalistas e é um território que não é autêntico, é um território que representa um lugar estreito, onde a gente se sente protegido, é nesse momento que vai se construindo, vai sedimentando um território que para todos nós é o território da nossa identidade. E em dado momento ele vai se transformar em um lugar pequeno, a vida vai convidar a fazer esse movimento para fora desse território, a saída desse território é sempre recebida como imoral.

